



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

6178 - Trabalho Completo - XIII Reunião Científica da ANPEd-Sul (2020)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 06 - Formação de Professores

A REINVENÇÃO DOCENTE EM TEMPOS DE ISOLAMENTO SOCIAL

Glaé Corrêa Machado - PUC/RS - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Paloma Rodrigues Cardozo - PUC-RS - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Andreia Mendes dos Santos - PONTÍFICA UNIVERSIDADE CATÓLICA

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

A REINVENÇÃO DOCENTE EM TEMPOS DE ISOLAMENTO SOCIAL

O presente trabalho tem como tema a reinvenção docente em tempos de isolamento social. Foi escolhido em virtude da pandemia do COVID-19 e a necessidade de transformações educativas, em especial na forma como o professor está desenvolvendo suas aulas. Assim, desenvolveu-se pesquisa para investigar esses processos e as habilidades e competências que o professor teve que inserir no seu cotidiano a fim de possibilitar a realização de atividades já conhecidas da educação à distância aos estudantes para que tenham acesso e que tenham acesso a um ensino de qualidade e significativo.

O cenário mundial exigiu que as escolas, em um curto espaço de tempo, buscassem mecanismos para dar continuidade ao processo de escolarização e, embora se perceba uma necessidade emergente de reencontrar a normalidade, sabe-se que o contexto exige novas formas de ensino e aprendizagem que sejam significativas. Muitas são as discussões acerca do tema, pois muitos os questionamentos surgem diariamente, principalmente no que diz respeito em como realizar o ensino de forma que haja significado e aprendizagem.

As orientações metodológicas adotadas nesse trabalho estão baseadas na perspectiva de pesquisa qualitativa, conforme Lüdke e André (1986). Essas autoras destacam as seguintes características básicas de uma pesquisa qualitativa: ter o ambiente natural como fonte direta de dados, existir uma preocupação muito maior com o processo do que com o produto, perceber o significado que as pessoas dão às coisas. É necessário retratar, ainda, a perspectiva dos participantes.

Dessa maneira, o estudo que se apresenta tem abordagem qualitativa, de natureza exploratória e tem por objetivo pesquisar como os professores estão desenvolvendo suas aulas e que estratégias estão adotando nestes tempos de Pandemia; analisar os métodos utilizados pelos professores em relação à coerência com as competências a serem atingidas e, por fim verificar se os métodos utilizados auxiliam em um ensino significativo. A pesquisa foi realizada através de questionários envolvendo equipe diretiva, coordenação pedagógica e

professores de uma escola da rede estadual de Capela de Santana/RS. A análise dos dados obtidos através do questionário foram realizadas a luz do pressuposto da análise de conteúdo de Bardin (2011).

Neste momento atípico, as atividades são importantes para manter o vínculo entre professores e alunos, mas é hora de pensar numa escola menos conteudista, que possa sugerir leituras, pensar na saúde mental dos alunos, trabalhar valores e hábitos que venham contribuir para essa mudança no panorama mundial, em que estamos separados fisicamente, mas precisamos nos conectar virtualmente. Ao trazer para discussão o presente tema, se faz importante a realização de algumas reflexões. Desta forma, parte-se da pesquisa com professores e da leitura de bibliografias já publicadas na área educacional, não com o objetivo de apresentar soluções para as reflexões que serão apresentadas, mas com a finalidade de contribuir com estratégias a serem utilizadas pelos docentes.

A partir do contexto atual, em que o isolamento social foi determinado, obrigatoriamente, a comunidade escolar buscou uma reinvenção de forma rápida e eficiente, tornando a tarefa ainda mais desafiadora: se adaptar e aprender a utilizar as tecnologias, assim como para a realização de encontros virtuais e fazer dela uma aliada, só que ninguém foi preparado para isso. Como afirma Schon (1997, p. 21): “existem situações conflitantes, desafiantes, que a aplicação de técnicas convencionais, simplesmente não resolve problemas”.

Segundo a Organização Todos Pela Educação:

[...] o Brasil tem seguido a tendência mundial. Em todo o território nacional, redes públicas e privadas interromperam o funcionamento das escolas e, entre outras ações, têm cogitado – ou já estão em processo de – transferir aulas e outras atividades pedagógicas para formatos a distância. Por ora, são as redes estaduais que mais têm avançado nesse sentido, e o caminho tem sido viabilizadas, principalmente, por meio da disponibilização de plataformas online, aulas ao vivo em redes sociais e envio de materiais digitais aos alunos, como mostra recente levantamento realizado com mais de três mil Secretarias de Educação de todo o País. (NOGUEIRA FILHO, 2020, p.03).

É tempo de cuidar da família para evitar a propagação do vírus, é necessário falar sobre essa nova realidade, exige adaptação de todos para conviver com harmonia em casa, para trabalhar em home office, para auxiliar os filhos nas atividades escolares, para aprender e ensinar os alunos estando distantes.

Este cenário exige uma escola mais afetiva, voltada antes de tudo para a empatia, o vínculo, as diferenças sociais e o cuidado com o outro. Nesta perspectiva há o questionamento se uma escola conteudista, voltada à preocupação de dar conta dos conteúdos escolares caberia neste contexto. De acordo com Nogueira Filho (2020, p.05) é necessário criar: “estratégias de ensino a distância deverão cumprir papel importante para a redução dos efeitos negativos do distanciamento temporário, mas as evidências indicam que lacunas de diversas naturezas serão criadas”.

Há enormes desafios a ser analisados e refletidos por todos os envolvidos com o ensino aprendizagem, é relevante pensar:

Em outras palavras, uma resposta em escala e à altura dos desafios que surgirão só poderá ser dada com um robusto conjunto de ações pós-período de fechamento das escolas. Conforme a experiência de países que sofreram com longos períodos de

suspensão de aulas demonstra, tais estratégias precisarão contemplar novas e excepcionais demandas, como o acolhimento emocional dos alunos e profissionais da Educação, a comunicação reforçada com as escolas e as famílias, um acompanhamento mais próximo dos estudantes com maior propensão ao abandono ou evasão, avaliações diagnósticas acompanhadas de amplos programas de recuperação escolar e ações de formação e apoio aos professores em múltiplas dimensões. (NOGUEIRA FILHO, 2020, p.08).

Também há a preocupação com as questões sociais que envolvem os alunos como, por exemplo, bem-estar, alimentação, a conectividade para que ninguém fique para trás durante a suspensão das aulas, se seguirão ativos nesse período de suspensão das aulas e como será a retomada da rotina escolar. Como aponta Nogueira Filho (2020, p.05):

Para enfrentar o risco da ampliação de desigualdades, ao lançar mão de estratégias de ensino a distância, é preciso entender que a disposição de recursos tecnológicos é heterogênea entre os alunos e que aqueles que já têm desempenho acadêmico melhor tendem a se beneficiar mais das soluções tecnológicas. (NOGUEIRA FILHO, 2020, p.05).

Neste período em que as aulas estão suspensas nas redes de ensino estadual, municipal e privadas, percebe-se que a rede privada parece mais preparada para o momento. A diferença pode ser explicada pela desigualdade de condições de infraestrutura e formação de professores para o uso pedagógico de tecnologia, como também os alunos da escola privada têm mais acesso à internet. Outro fator importante como aponta Nogueira Filho (2020, p. 10) é que: “O ensino totalmente online tende a ser mais efetivo para alunos que já possuem bom desempenho escolar”. Como afirma Nogueira Filho, o professor tem papel significativo neste cenário atual.

O ensino remoto não deve se resumir a plataformas de aulas online, apenas com vídeos, apresentações e materiais de leitura. É possível (e fundamental!) diversificar as experiências de aprendizagem, que podem, inclusive, apoiar na criação de uma rotina positiva que oferece a crianças e jovens alguma estabilidade frente ao cenário de muitas mudanças. Envolvimento das famílias também é chave, já que poderão ser importantes aliados agora e no pós-crise. (NOGUEIRA FILHO, 2020, p.05).

Um fator importante na educação é o planejamento, os objetivos e a definição de quais métodos e estratégias serão utilizadas para o desenvolvimento das atividades, nas aulas presenciais já tínhamos muitos alunos com dificuldades de aprendizagem, com as aulas programadas os índices de defasagem são ainda maiores. Há uma cobrança da sociedade: “meu filho não consegue fazer as atividades”, “eu não consigo ajudar”, “eu não tenho paciência”, sobram pais, filhos e professores estressados. Agora mais do que nunca a família e a escola devem caminhar juntas. Como salienta Mantoan (2003, p.30):

Os pais podem ser nossos grandes aliados na reconstrução da nova escola brasileira. Eles são uma força estimuladora e reivindicadora dessa tão almejada recriação da escola, exigindo o melhor para seus filhos, com ou sem deficiências, e não se contentando com projetos e programas que continuem batendo nas mesmas teclas e maquiando o que sempre existiu. (MANTOAN, 2003, p.30).

Desta forma percebe-se o quanto a ação pedagógica do professor precisa do apoio e conhecimento dos familiares.

A pesquisa foi realizada em uma escola estadual do município de Capela de Santana/RS, atualmente com 23 professores e 401 alunos matriculados entre o 6º ao 9º ano (Anos Finais) do Ensino Fundamental e Ensino Médio.

Buscamos respostas para as perguntas: os professores estão preparados para utilizar todos os recursos tecnológicos disponíveis para suprir a demanda dos estudantes pelos conteúdos programáticos e, seguindo a legislação educacional, cumprir a obrigatoriedade dos dias letivos? Todos os estudantes têm acesso aos recursos tecnológicos disponíveis? Qual o papel da família nesse contexto? Os professores estão aptos a utilizar tais recursos? Como estes estudantes serão avaliados?

Elaboramos um questionário virtual para a direção, coordenação pedagógica e professores, após o roteiro do mesmo ser organizado as questões foram digitalizadas no Google Forms e enviadas através do grupo de WhatssApp da Escola.

Os resultados obtidos permitiram responder às indagações realizadas inicialmente no trabalho, e a seguir será apresentada a análise desses dados. Primeiramente quer-se tecer considerações acerca do perfil dos participantes da pesquisa: observamos que todos os professores possuem formação superior em cursos de licenciaturas específicas e entre aqueles que exercem a docência, 26,1% possuem pós-graduação em educação. Contudo observamos que a busca pela atualização profissional é uma realidade entre o grupo, pois todos os profissionais responderam que participam dos cursos de formação continuada de professores sobre o Referencial Curricular Gaúcho, a BNCC, entre outros. Em relação ao tempo em que atuam como profissional na área da educação, essas experiências variam entre 6 a 25 anos na Educação Básica.

Sobre a tendência pedagógica que alicerça a sua prática, entre os docentes 34,7% responderam o construtivismo, 17,4% apontaram o liberalismo, outros 17,4% relataram ser tradicionalistas, 8,7% disseram utilizar como tendência pedagógica o progressismo e 21,8% alegam não seguir nenhuma tendência. Sobre os recursos midiáticos e técnicos utilizados no seu cotidiano durante o ensino remoto foram unânimes: afirmaram estarem utilizando celular, notebook, data show, televisão, câmera, tablet, filmes, vídeos, aplicativos, Plataformas Educativas, etc.

Mas qual a importância da escola neste momento de pandemia? Todos os profissionais percebem a importância da escola, como na fala deste professor: “A escola precisa ensinar o conteúdo minimizando ao máximo a possível defasagem sentida pela ausência física no espaço escolar. Ensinar através das mídias disponíveis”.

A respeito do que ensinar neste período e como ensinar? Foi a expressão de um dos respondentes “como der”. As demais respostas foram: “Deve ser ensinados conteúdos que estejam mais voltados para necessidade deles nesse momento”. “As vídeos-aula são importantíssimas neste processo”. “Ensinar além dos conteúdos, ensinar valores, o olhar ao outro, compaixão, respeito à opinião do outro, solidariedade”. “A Escola precisa se adequar e partir para práticas diferentes, não presenciais. As aulas programadas, no momento, são a melhor solução”.

Apesar de todos os profissionais já utilizarem vários recursos midiáticos no seu cotidiano, alegam não estar preparados para imersão à tecnologia. Somente dois profissionais responderam que: “Acreditam que em parte, pois muitos ainda precisam de formação adequada, visto que não se tratava (Aulas on-line, por exemplo) de uma realidade no espaço

escolar de muitos”. Todos os demais relatam não estar preparados.

Uma das dificuldades é que infelizmente nem todos têm acesso. Ao serem questionados se os estudantes têm acesso aos recursos tecnológicos, 23,1% dos profissionais respondem que a maioria tem acesso e os outros 76,9% dizem que infelizmente nem todos têm acesso.

Uma questão que nos inquieta desde antes da pandemia, mas no ensino remoto se intensifica é discutir sobre qual é o papel da família nesse contexto. Todos os profissionais percebem que a família e escola devem caminhar juntas. Entre algumas respostas significativas temos: “O papel dos pais torna-se bem mais presente. Mas nem todos os pais têm condições de auxiliar os filhos devido ao grau de instrução e conhecimento formal”. “Não se faz educação com escola e família afastadas. É preciso um trabalho coletivo. É necessário construir um diálogo empático. Seria importante que a escola pudesse telefonar para as famílias e orientar, acalmar. É uma oportunidade para a escola trabalhar em rede e acionar outros setores de apoio a família”. “A família precisa, de fato, assumir o seu papel de parceiros da Escola e auxiliar seus filhos nessa época difícil”.

Questionamos quais são as maiores dificuldades dos alunos e como eles serão avaliados? A maior parte dos profissionais indica que a maior dificuldade é no acesso a tecnologia, seguida da dificuldade em utilizar os recursos tecnológicos e da falta de autonomia. Como demonstra a resposta dada por um dos entrevistados: “Acredito que a maior dificuldade está entre os menores, pois eles ainda têm certa dependência no caminho da aprendizagem. As avaliações se dão já no decorrer das aulas remotas e serão “resgatadas” no retorno presencial”.

Alguns profissionais da educação estavam habituados ao quadro negro, giz e livros didáticos, e de uma hora para outra tiveram que se reinventar, aprender a fazer vídeos-aula, acessar plataformas virtuais de ensino, muitos não sabiam nem utilizar direito o Word, é um momento de adaptação, sem dúvidas.

Nota-se que a maioria dos docentes reflete sobre este momento atípico, às atividades são importantes para manter o vínculo professor e alunos, mas que a escola deve ser menos conteudista.

Percebem-se alguns desafios, além de se inserir tecnologicamente, a dificuldade de alguns alunos terem acesso à tecnologia, seguida da dificuldade em utilizar os recursos tecnológicos e da falta de autonomia para realizar as atividades.

Família e escola precisam criar, através da educação, uma força para superar as suas dificuldades, construindo uma identidade própria e coletiva, atuando juntas como agentes facilitadores do desenvolvimento pleno do educando.

Muito se tem discutido sobre a temática, mas ainda com poucas certezas. Há muito tempo o papel da escola vem sendo discutido, e com o isolamento social ganhou maior repercussão. Basta abrir as redes sociais que muitas discussões e posicionamentos surgem e assim se faz necessário discutir o papel do professor e da educação, pois sua metodologia também está colocada em xeque, onde muitos sugerem, mas ninguém sabe ao certo o melhor caminho.

Observamos a insegurança que este momento atípico trouxe para todos os envolvidos no processo de ensino aprendizagem. Ser professor sempre foi uma tarefa desafiadora e neste cenário de pandemia o professor precisou se reinventar, tanto na sua rotina quanto na realização de multitarefas que passou a dar conta, nas questões de saúde e bem-estar docente

e conseqüentemente nas maneiras de se reinventar como profissional, dando conta de plataformas e mecanismos até então pouco ou nada explorados.

Percebemos que esta reinvençãO também desencadeou uma rede de solidariedade, pois o compartilhamento do conhecimento sobre as ferramentas e metodologias que fossem úteis neste momento foi sendo construída para qualificar o trabalho.

NãO podemos desassociar escola, família e sociedade. Se o indivíduo é aluno, filho e cidadão, ao mesmo tempo, a tarefa de ensinar nãO compete apenas à escola porque o aluno aprende também através da família, dos amigos, das pessoas que ele considera significativas, dos meios de comunicaçãO e do cotidiano. Todas as instâncias da sociedade interferem na educaçãO e formaçãO do ser humano.

O destaque deste trabalho é a percepçãO que o maior desafio atual é conseguir ter a família e a escola construindo uma relaçãO de parceria, buscando uma educaçãO de qualidade, que seja significativa para o aluno no contexto atual, para além dos conteúdos escolares. Ter pais preocupados com o desenvolvimento e aprendizagem do seu filho. Pais que brinquem, contem histórias, pois quanto mais cedo à criança tenha contato com histórias, mais chances termos uma educaçãO de qualidade. Construir esta relaçãO com os pais permite que eles consigam compreender que a educaçãO se dá nãO somente através de atividades ou conteúdos pedagógicos; ela se dá na contaçãO de histórias, nas atividades realizadas em família e no cotidiano familiar, na realizaçãO de um trabalho em conjunto,

Destaca-se outra reflexãO trazida pelo estudo: O que fazer se sabemos que há desigualdade social e nem todos os alunos possuem acesso à tecnologia? É preciso destacar que a Escola pesquisada, em consonância com o que acredita em seu projeto político pedagógico e na sua concepçãO de educaçãO, oferta para os alunos de maneira impressa os materiais e atividades oferecidos pelas plataformas.

Sabe-se que haverá defasagem, pois, nas aulas presenciais já tínhamos alunos que apresentavam dificuldades de aprendizagem, quiçá com as aulas remotas, mas no retorno às aulas presenciais teremos que pensar sobre os novos paradigmas da educaçãO, pois será necessário retomar e pensar nestes alunos como indivíduos que vivenciaram este período cada um a sua maneira, assim como seus professores e familiares.

PALAVRAS-CHAVE: EducaçãO Presencial. EducaçãO NãO Presencial. Isolamento Social. ReinvençãO Docente. Estratégias de Ensino Aprendizagem.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: edições 70, 2011.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Elisa D. A. **Pesquisa em educaçãO**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MANTOAN, Maria Tereza. **InclusãO Escolar**: o que é? Por quê? Como fazer? São Paulo: Moderna, 2003.

NOGUEIRA FILHO, OLAVO. **Ensino a distância na educaçãO básica frente à pandemia da covid-19**. Disponível em: <<https://www.todospelaeducacao.org.br/uploads/posts/425.pdf?>

[1730332266=&utm_source=conteudo-nota&utm_medium=hiperlink-download](#). Acesso em:
21 maio 2020.

SCHON, D. **Os professores e sua formação**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1997